

PIRAÍBA



A pirapiraíba é o maior peixe de couro de nosso país, podendo atingir, segundo relatos, quase trezentos quilos (300 kgs). É um peixe gigante, sem dúvida e dotado de muita força física, capaz de arrastar o barco por muitas centenas de metros.

Seu habitat é a bacia amazônica e do Rio Araguaia e, com a proibição de seu abate em este último rio (juntamente com a pirarara e o pirarucu) sua recuperação já está aumentando a olhos vistos, com muito mais notícias de capturas em quantidade quanto em qualidade.

Assim, um peixe que era raro de ser encontrado nos estados de Goiás e que no Mato Grosso só era encontrado em rios mais afastados, hoje tem população com evidentes sinais de recuperação, com pescadores conseguindo pescar e soltar vários espécimes em uma mesma semana, e com registros de grandes exemplares fígados e devolvidos com vida aos rios. Em resumo, o seletivo CLUBE DA PIRAÍBA, com os felizardos que já tiveram – como eu – a felicidade de duelar com estes titãs está com vagas abertas, existindo, inclusive, alguns guias de pesca especializados em sua captura, como é o caso de, entre outros, meu amigo Sebastião Carocinho, do famoso Nica, e do Sandrinho e seu irmão Doana, de Luiz Alves.





Antes de mais nada é bom saber que esta espécie não é nada sutil ao abocanhar a isca e não fica, como os surubins “mamando” e ajeitando ela na boca antes de correr. Então, para evitar que quando ela atacar você não seja surpreendido com a vara no secretário do barco e não consiga retirá-lo de lá até que ela arrebente a linha e escape, é bom pescar com uma só vara por pescador, e, no máximo, aceitando que o guia/piloteiro segure outra vara na mão passando-a ao pescador tão logo o peixe inicie a tomada de linha.



Na ancoragem, a poita deverá ser fixada a um galão, ao qual a corda do barco será amarrada com nó de correr, possibilitando liberar o barco tão logo ocorra a fígada, pois qualquer demora poderá esgotar a linha da carretilha ou molinete, finalizando antecipadamente o confronto.



Quanto ao material, apenas lembro ao pescador que cada item é como um elo da corrente que te separa do enorme peixe, e, que se houver um elo mais fraco (seja ele um nó mal dado, snap sem resistência, ou mesmo um ponto no qual a linha esteja desgastada, puída ou mordida por piranhas) **é nele que a enorme força da piraíba incidirá.** A piraíba até 50 kgs é normalmente denominada filhote, de 50 a 100 kilos, já terá o nome de piraíba, e daí em diante é chamada de mãe do rio, ou piratinga.

ISCA – A piraíba adulta se alimenta exclusivamente peixes, que podem ser iscados tanto inteiros quanto em pedaços (toletes), aceitando bem desde candirus-açus, até mandubés, piranhas vermelhas (cabeça-burro ou cajú), piaus cabeça gorda (verdadeiros) ou três pintas, curimbas, cachorras e bicudas, Várias são as formas de iscar os peixes inteiros, dentre elas com o anzol entrando pela boca e saindo pelo topo da cabeça, entrando por um olho e saindo pelo outro, ou entrando pela boca, saindo pela guelra e novamente traspassando o peixe próximo à nadadeira anal. Deve-se ter o cuidado de não deixar escamas na ponta do anzol que possam atrapalhar a fígada. Normalmente, no Rio Teles Pires, as iscas deverão ser lançadas em praias de areia cobertas pelas águas dos períodos de cheia e próximas de remansos com profundidade acima de 5 metros.



À noite as iscas podem ser arremessadas mais próximas à margem, pois os peixes costumam encostar mais para caçar nos arredores dos raseiros.



ANZÓIS – 10/0, 12/0, com encastoamento de aço rígido ou cabo de aço encapado, de – ao menos – 120 libras. Se for usar snap (grampo) ele deverá ser forte o suficiente para equiparar-se ao encastão, ou, na falta, pode ser improvisado, retorcendo com alicate o snap menos robusto, para aumentar-lhe a resistência. Se for tipo J, a fígada deverá ser violenta e sujeita a confirmada. Se o anzol utilizado for do tipo Circle (circular) o pescador não deverá fisgar: tão somente deverá

manter a linha tensa quando o peixe puxar, o que fará com que o anzol se prenda no canto da boca do espécime (canivete, ou junção da maxila inferior com a superior) sem riscos de ser engolido pelo peixe.



DISTORCEDOR – de preferência com rolamentos, amarrados diretamente na linha com um nó confiável – que quanto mais exigido mais apertado fique. Pode também ser utilizado distorcedor grande ou extra-grande, dos modelos convencionais. Sugiro que, ao unir o snap ao distorcedor seja colocado uma argola de inox de chaveiro no olho do mesmo, de forma que, se com a fígada violenta a isca se deslocar pelo encastor, ela fique retida antes de chegar à linha (o que, se ocorresse poderia acarretar um rompimento de linha mordida por piranhas ao atacar a isca).

LINHA (fator mais importante: **quantidade**)

MONOFILAMENTO – As linhas de monofilamento são mais aconselháveis, por dispensar líder (cujo nó seria outro possível ponto fraco a ser rompido na luta) e também pelo fato de, algumas vezes, existir no rio algum obstáculo, árvore caída ou pedral onde a linha pode roçar, apesar da briga com a piraíba ser limpa, com a luta sempre travada no caudal do rio, no canal.



Devem conter no mínimo 200 metros de linha para suportar uma primeira grande corrida com muita linha fora do equipamento, nos curtos segundos decorridos entre a fisgada e a soltura do barco pelo guia com o motor ligado. Linhas inferiores a 0,82 mm podem não resistir à abrasão de paus e tocos submersos ou mesmo pedras existentes no caudal e que podem ser raspadas durante as corridas dos grandes exemplares.



MULTIFILAMENTO - As linhas de multifilamento tem a vantagem de sua resistência à tração com menor diâmetro, e nas brigas com as grandes piraíbas, é necessária grande quantidade de linha pois suas corridas são longas e seu fôlego é incansável. Assim se utilizar-se a linha de multifilamento será possível pescar com molinetes ou carretilhas de perfil alto da categoria média-pesada a pesada, que contenham ao menos duzentos metros de fio, mas com líder de fluorcarbono ou linha mono 0,92 mm ou mais, e torcer para não haver abrasão fora do líder durante a luta. A resistência da linha não deve ser inferior a 100 lbs.

BÓIAS – Alguns guias/piloteiros que já pescaram piraiabas como profissionais antes da proibição do abate, afirmam que como a espécie é habitante da coluna d'água, prefere físgar a até 2 metros de profundidade, e assim soltam bóias com tal distância de linha no canal e vão seguindo o caudal com o barco à deriva, e, quando a bóia afundar será o sinal para a físgada pelo pescador. Neste caso a isca deverá ser peixe inteiro.



CINTO DE BRIGA – Também chamado de cinto de apoio de vara, deverá ser utilizado pelo pescador, pois sem tal suporte, provavelmente ele forçará o cabo da vara em seu abdômem, o que poderá lhe render graves contusões e dores durante a pescaria pesada da espécie. Existem modelos mais cômodos e anatômicos em couro, e mais reforçados em material plástico com partes metálicas, inclusive.



REGULAGEM DE FRICÇÃO – A fricção da carretilha ou molinete deverá ser ajustada com balança, em 1/3 da capacidade da linha. Assim, se for uma linha com capacidade de 45 kgs, com quinze kgs o material deverá liberar linha. Se não tiver balança, você deve conseguir retirar linha do carretel com esforço, mas sem o risco de rompimento da linha, o que pode ser testado colocando uma luva na mão e dando duas laçadas puxando a seguir.

LOCAIS E ÉPOCAS DE PESCA

Na bacia amazônica a melhor época é a das cheias, nos rios Teles Pires, Aripuanã e Roosevelt, por exemplo, em locais onde na seca são formadas praias ou grandes e profundos rebojos. Na época da seca na região do Araguaia e Xingu, seu habitat preferido são aos canais e poços profundos onde transitam.



MEU LOCAL FAVORITO: Rio Teles Pires, Paranaíta/MT e Rio Acari/AM na Pousada Acari, do amigo Reiri.

A BRIGA – Conforme já informado esta espécie briga limpo, mas é dotada de grande força e muita resistência. Quando chegar ao local escolhido pelo guia, o

pescador deverá soltar a isca suavemente (para não atrair pelo barulho botos e piranhas ao local, reduzindo as chances de encontrar seu troféu) e após elas assentar no fundo o guia puxará o barco em marcha reduzida rio acima, ao menos 50 metros, e descerá a poita, a qual será amarrada a um galão e este, por uma corda com nós de correr ao barco.



Deverá permanecer em silêncio (poderá conversar, mas não deverá deixar que objetos batam no barco, pois os sons se propagam muito mais rápido na água que no ar).





A fisgada deverá ser forte, e quando o peixe retesar a linha deverá ser confirmada de forma igualmente violenta, para cravar o anzol tipo J na boca do peixe. Com a fisgada, os segundos de soltura do barco serão preciosos e intermináveis, pois com grandes espécimes a velocidade do descarregão de linha é surpreendente. Com a fisgada, os segundos de soltura do barco serão preciosos e intermináveis, pois com grandes espécimes a velocidade do descarregão de linha é surpreendente podendo o pescador ficar sem linha no carretel se o guia não for rápido o suficiente ao soltar a corda que o prende ao galão da poita e ligar o motor o barco para ir atrás do peixe.



Adrenalina a mil por hora, o pescador deve apoiar a vara no cinto de briga e curtir este momento único – só dele – de ter o adversário na outra ponta da linha – preparando o espírito e o físico para uma longa luta, com final variável.

Se o vencedor for o pescador, após retirado o peixe da água NÃO EXAGERE NO TEMPO DAS FOTOS OU FILMAGENS POIS O STRESS DA BRIGA MAIS A AUSÊNCIA DE OXIGÊNIO, TORNAM O PEIXE FRÁGIL PODENDO COMPROMETER SUA SOBREVIVÊNCIA. Boa pescaria .

